

Clodomir Vianna Moog e a não integração do grupo étnico alemão no Brasil Estadonovista: uma análise a partir da construção do romance *Um rio imita o Reno*

Na optional isolation: building the image of the immigrant not integrated in Brazil in the novel *Um rio imita o Reno*

Rodrigo Luis dos Santos¹
rluis.historia@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar como o escritor Clodomir Vianna Moog estabelece a construção da imagem do imigrante e descendente não vinculado de forma opcional à sociedade brasileira, através do romance *Um rio imita o Reno*, de 1938. Também se pretende apontar as bases que Vianna Moog utilizou para a concepção de seu livro, tanto da construção literária da cidade onde se desenvolve a história, Blumental, como na construção do enredo e de alguns personagens, vinculados, possivelmente, com alguns agentes históricos que atuaram nas décadas de 1930 e 1940.

Palavras-chave: Imigrantes alemães, inserção social, preconceito étnico

Abstract: *This article aims to analyze how the writing Clodomir Vianna Moog establishes the construction of the image of the immigrant and descendant unbounded optionally Brazilian society through the novel *Um rio imita o Reno*, 1938. Also seeks to point out bases that Vianna Moog used to design your book, both literary construction of the city where the story develops, Blumental, as in the construction of the plot and some characters, linked possibly with some historical actors who acted in the decades of 1930 to 1940.*

Keywords: *German immigrants, social inclusion, ethnic prejudice*

¹ Mestrando em História (bolsista FAPERGS/CAPES) no Programa de Pós- Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Integrante do Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros (NETB) do PPGH - UNISINOS. Historiador voluntário e coordenador de Estágios do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Introdução

Em 1938, a Livraria e Editora do Globo, sediada em Porto Alegre, lança o livro *Um rio imita o Reno*, do escritor Clodomir Vianna Moog. Em pouco tempo, esta obra se torna um grande sucesso editorial, com um número bastante expressivo de exemplares vendidos, exigindo inclusive a publicação de novas edições. Em 1939, Vianna Moog é contemplado com o Prêmio Graça Aranha². Nas décadas seguintes, outras edições do livro são publicadas, também por diferentes editoras, como a Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro. Em linhas gerais, e como é mais comumente conhecido, *Um rio imita o Reno* enfoca a questão do conflito étnico, a partir do romance não aceito de dois personagens: Geraldo Tôres, um jovem amazonense, e Lore Wolff, uma jovem de origem alemã.

Nosso objetivo neste artigo é abordar uma análise sobre alguns aspectos desta obra. Uma atenção maior será dada para a forma como Vianna Moog constrói a participação social de imigrantes e descendentes de alemães, como estes se relacionam com a sociedade brasileira. Além disso, buscaremos mostrar como se deu a construção do cenário e do ambiente político escolhido pelo autor na feitura de seu romance. Para tanto, este trabalho será dividido em três partes: a primeira, trazendo aspectos da biografia de Vianna Moog; a segunda, estabelecendo apreciações sobre o contexto político e social do Rio Grande do Sul na época da escrita do livro e,

² Prêmio concedido pela Academia Brasileira de Letras. O prêmio homenageia, em sua denominação, o escritor e diplomata José Pereira da Graça Aranha (1868-1931), nascido no Maranhão, que fizera parte da Academia Brasileira de Letras até 1924, quando se desvinculou da mesma. Era defensor do Modernismo, sendo inclusive um dos organizadores da semana da arte Moderna de 1922, em São Paulo. Sua visão de modernização artística e literária foi um dos motivos de seu afastamento da Academia Brasileira de Letras, da qual acusava de não aceitar renovações e mudanças. Foi fundador da Cadeira 38 desta agremiação. Sua obra mais conhecida é *Canaã*, publicada em 1902, que aborda a questão da imigração alemã para o estado do Espírito Santo.

terceira parte, verificar analiticamente alguns elementos significativos presente em *Um rio imita o Reno*.

Apreciar criticamente uma obra literária é um processo desafiador para um historiador. Segundo Valdeci Rezende Borges,

se a literatura, como outros monumentos e arquivos humanos, guarda as questões de um tempo e as marcas de um povo e de um lugar, lidar com tais fontes requer a construção de instrumentos afinados capazes de lançar luz àquilo que traz em seu bojo (BORGES, 2010, p. 107).

A não proximidade com certos instrumentais teórico-metodológicos de análise literária podem corroborar muitas vezes para uma análise superficial. Inclusive pelo fato de, durante muito tempo, a literatura ser vista como uma fonte não satisfatoriamente segura ou meramente ilustrativa. Conforme Pesavento (2006) “a literatura cumpria face à história um papel de descontração, de leveza, de evasão, “quase” na trilha da concepção beletrista de ser um sorriso da sociedade...”. Mas também podem surgir análises que tragam luz sobre aspectos intrínsecos presentes em determinada obra, que somente os referenciais e os métodos historiográficos conseguem expor e analisar. É neste campo tênue que iremos analisar este romance de Vianna Moog.

Clodomir Vianna Moog

Clodomir Vianna Moog nasceu na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, no dia 28 de outubro de 1906. Era filho de Maria da Glória Vianna Moog, professora, que faleceu quando Vianna Moog ainda era criança, e de Marcos Moog, funcionário público federal. Marcos Moog também era natural de São Leopoldo, mas possuía fortes ligações com Novo Hamburgo, inclusive residindo nessa localidade, que até 1927, era o 2º

Distrito de São Leopoldo. Tanto que Marcos Moog era integrante do grupo que se empenhou pela emancipação de Novo Hamburgo, entre 1924 e 1927. Pela parte paterna, Clodomir Vianna Moog era neto de Frederico Adolfo Moog, que exerceu liderança política em São Leopoldo, inclusive sendo conselheiro municipal (atual cargo de vereador) entre 1924 e 1928. Um fato curioso é que neste período ocorreu a tentativa (e posterior êxito) de emancipação de Novo Hamburgo, da qual Frederico Adolfo Moog não era favorável. Tendo em vista que seu filho, Marcos Moog, era membro do grupo emancipacionista, temos um cenário de conflito também familiar envolvendo esta questão. O que em um primeiro momento pode parecer destoante dentro da análise da biografia de Clodomir Vianna Moog, é um aspecto importante para compreender a obra que estamos apreciando. Voltaremos a abordar esta questão política mais adiante.

Sobre a formação educacional e intelectual de Clodomir Vianna Moog, sua alfabetização iniciou em uma escola que sua mãe dirigia, a Escola Primária de São Leopoldo. Posteriormente, ingressou no Colégio Elementar Visconde de São Leopoldo. Quando do falecimento de sua mãe, permaneceu dois anos como aluno interno do Instituto São José, mantido pelos Irmãos Lassalistas, em Canoas, então distrito de Gravataí. Estudou ainda no Colégio São Jacó, em Hamburgo Velho, localidade então pertencente ao 2º Distrito de São Leopoldo, Novo Hamburgo, onde morava seu pai. Por fim, ingressa no Ginásio Júlio de Castilho, em Porto Alegre, no ano de 1918. Em 1925, após não conseguir se matricular na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, ingressa na Faculdade de Direito de Porto Alegre, onde se formou bacharel em janeiro de 1930.

Profissionalmente, Vianna Moog iniciou no comércio em Porto Alegre. Em 1925 é nomeado guarda-fiscal de Repressão ao contrabando na Fronteira, além de ser nomeado

para a Delegacia Fiscal de Porto Alegre. Nos anos seguintes, após passar em concurso para agente fiscal de imposto do consumo, trabalhou nas cidades de Santa Cruz do Sul e Rio Grande.

Do ponto de vista de sua participação no âmbito político, Vianna Moog aderiu à Aliança Liberal, que lançou Getúlio Vargas, então presidente do Rio Grande do Sul, como candidato à presidência da República em 1929. No ano seguinte, participou do movimento de outubro de 1930, também chamado de Revolução de 1930, que derrubou o então presidente Washington Luiz, levando Getúlio Vargas ao poder federal. Ainda em 1930, retorna à Porto Alegre, como agente fiscal desta cidade. Neste período começa a atuar como jornalista, escrevendo para o Jornal da Noite. No ano de 1932, apóia a chamada Revolução Constitucionalista, promovida pelo estado de São Paulo contra o governo Vargas, exigindo, entre outros aspectos, a promulgação de uma nova constituição para o Brasil. No Rio Grande do Sul, o principal nome que apoiou os revolucionários paulistas foi Antônio Augusto Borges de Medeiros, que governara o estado durante 25 anos, sendo durante este período a liderança unipessoal do Partido Republicano Rio-grandense, da qual Getúlio Vargas, fora integrante.

Por apoiar o movimento paulista, Vianna Moog é preso e transferido para Manaus, no Amazonas. Logo após, é transferido para Teresina, no Piauí, retornando ao Amazonas, mas desta vez para o interior do estado. Em 1934. Com a promulgação da nova constituição e com a anistia concedida aos rebeldes de 1932, Vianna Moog retorna ao Rio Grande do Sul.

É no período de exílio no norte brasileiro que Vianna Moog inicia sua vida literária. E essa passagem pelo Amazonas e Piauí teria reflexo na construção de *Um rio imita o Reno*, como veremos. Enquanto estivera no Amazonas, publicou duas obras: *Heróis da decadência*, um ensaio sobre Machado de Assis, Miguel de

Cervantes e Petrônio, na qual defendia que, em épocas de decadência moral, cultural, política, e social da humanidade, surgem grandes homens capazes de decifrar e analisar, até com bom humor, as razões e consequências destes processos. Também lança, neste período, *Ciclo do Ouro Negro*, na qual tece uma análise sobre a realidade amazônica daquele momento. Ao retornar à Porto Alegre, passou a trabalhar no jornal *Folha da Tarde*³, publicado pela Companhia Jornalística Caldas Júnior. Chegou a ser um dos diretores deste jornal. Nesse período escreveu *Novas cartas persas*, no qual, em forma de sátira, debate o ambiente político e social do Brasil existente naquele momento.

Ocupou diversos cargos, entre as décadas de 1940 e 1960, representando o Brasil, em organizações internacionais, entre eles a Organização nas Nações Unidas (ONU) e Organização dos Estados Americanos (OEA). Em 1945, foi eleito para ocupar a Cadeira 04 da Academia Brasileira de Letras, que fora ocupado por Alcides Maya⁴, falecido no ano anterior. Tomou posse em 17 de novembro de 1945, sendo recebido pelo acadêmico Alceu Amoroso Lima⁵. Clodomir Vianna Moog faleceu no Rio de Janeiro, cidade onde residia, em 15 de janeiro de 1988, vítima de uma parada cardíaca.

³ O jornal *Folha da Tarde* foi fundado em 1936, sendo publicado até meados de 1984. Um de seus diretores mais famosos foi o jornalista e também escritor gaúcho Sérgio Jockymann (1930-2011).

⁴ Alcides Castilho Maya nasceu em São Gabriel, Rio Grande do Sul, em 1878 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1944. Foi jornalista, escrito e político. Politicamente, era filiado ao Partido Republicano Rio-grandense, pelo qual se elegeu deputado federal entre 1918 e 1921. Foi diretor do Museu Júlio de Castilhos e colaborador do jornal *Correio do Povo*. Na literatura, escreveu, entre outras obras, o romance *Ruínas vivas* e o livro de contos *Alma bárbara*.

⁵ Alceu Amoroso Lima nasceu no Rio de Janeiro em 1893 e faleceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 1983. Ocupou a Cadeira 40 da Academia Brasileira de Letras. Foi professor, escritor e líder católico brasileiro. Entre suas obras, destacam-se *Elementos de ação católica* e *Mitos de nosso tempo*.

Para melhor compreender a obra de um autor, um dos caminhos importantes para isso é a dimensão da trajetória do mesmo, que caminha ao lado de suas obras literárias. Em muitos casos, são justamente suas vivências, percepções, análises e relações que embasam e se refletem em seus escritos. Como tentaremos mostrar nesta segunda parte deste trabalho, a trajetória pessoal e profissional de Vianna Moog será importante para compreender um pouco de suas intencionalidades e dos aspectos utilizados para a concepção de seu romance *Um rio imita o Reno*. Este aspecto recebe atenção de Roger Chartier, que também aponta dois pontos importantes referentes ao próprio conceito de autor. Apoiado em Michel Foucault, Chartier lembra que

em uma conferência famosa “Que é um autor?”, proferida diante da Société Française de Philosophie em 1969, Foucault distinguia dois problemas, frequentemente confundidos pelos historiadores: por um lado, a análise sócio-histórica do autor como indivíduo social e as diversas questões que se vinculam a essa perspectiva (por exemplo a condição econômica dos autores, suas origens sociais, suas posições e trajetórias no mundo social ou no campo literário etc.), e, por outro lado, a própria construção do que chama a “função-autor”, isto é, “o modo pelo qual um texto designa explicitamente esta figura [a do autor] que se situa fora dele e que o antecede (CHARTIER, 2000, p. 198).

Conscientes das possíveis limitações e diante das considerações assinaladas anteriormente, principalmente nos apontamentos que Chartier faz de Foucault sobre o papel do autor, convém ressaltar que nossa análise sobre Vianna Moog está vinculada, sobretudo, com o contexto social em que viveu e atuou e sua trajetória.

O Rio Grande do Sul no final da década de 1930

No ano em que a obra foi escrita, 1938, tanto em nível federal quanto em nível estadual, já haviam sido promulgados decretos que determinavam o processo de nacionalização. Sobretudo na área educacional. Para se compreender o período retratado no romance de Vianna Moog, algumas considerações sobre as relações entre as autoridades estaduais e os imigrantes alemães e seus descendentes devem ser pormenorizadas.

Em março de 1938, assume como interventor federal no Rio Grande do Sul o coronel Osvaldo Cordeiro de Farias. Nascido em Jaguarão, Rio Grande do Sul, em 1901, Cordeiro de Farias fora nomeado para esse cargo, pois, segundo o presidente Getúlio Vargas, não estava vinculado aos grupos que disputavam o poder no estado. Ao assumir o governo estadual, mantivera o secretariado que havia sido composto pelo general Manuel de Cerqueira Daltro Filho, que fora interventor entre outubro de 1937 e janeiro de 1938. O general Daltro Filho fora um dos responsáveis por forçar a renúncia do então governador do Rio Grande do Sul, José Antônio Flores da Cunha.

Flores da Cunha, que até 1936 era favorável a Getúlio Vargas, embora já houvesse certo distanciamento a partir de 1935, passara a ser um de seus principais adversários. Flores da Cunha tinha intenções de se candidatar a presidência da República, nas eleições previstas para 1938. Além disso, se tornou uma ameaça inclusive ao plano do golpe de Estado, efetivado em 10 de novembro de 1937, que fez entrar em vigor o Estado Novo. Por isso, era preciso tirá-lo do poder e do *campo de combate*. E foi isso o que ocorrera em 16 de outubro de 1937. Essa disputa entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha é um ponto importante, pois veremos que este conflito estará presente na obra de Vianna Moog, não identificando diretamente estas duas lideranças, mas autoridades que estão subordinadas a eles.

Entre os membros do secretariado nomeado em 1937, estava José Pereira Coelho de Souza, titular da secretaria de Educação. Coelho de Souza permaneceu neste cargo até 1945. Além das secretarias, a Chefia de Polícia do Rio Grande do Sul permaneceu com o mesmo responsável: o tenente-coronel Aurélio da Silva Py, que ocupou esta função até 1943. Dentro do processo de nacionalização, Cordeiro de Farias, Coelho de Souza e Silva Py seriam os principais responsáveis pela implementação das ações, tanto no âmbito político, quanto educacional e da repressão. E o principal foco de atuação das autoridades foram as chamadas áreas de colonização, sobretudo italiana e alemã, mas também outros grupos foram visados, como poloneses, judeus e japoneses.

Compreender este ambiente social e político é importante para melhor direcionar a análise da obra e vislumbrar bases sobre a qual a mesma está alicerçada. A seguir, iremos abordar diretamente o romance *Um rio imita o Reno*, procurando, na medida em que trazemos determinados pontos da obra, fazermos uma análise sobre a mesma.

Um rio imita o Reno: contexto, escrita e análise

Nesta parte, iremos abordar a obra propriamente dita. Por conta disso, cabe aqui algumas considerações acerca do período em que é lançada e também sobre a editora pela qual é publicada. Como demonstrado anteriormente, a obra é lançada já no período de implemento das ações de nacionalização. Na edição que estamos analisando, data de 1966 (8ª edição), no prefácio, escrito pelo próprio Vianna Moog, ele argumenta que sua obra foi fundamental para a execução das ações de nacionalização. Além disso, aponta que seu romance despertou indignação junto às autoridades alemãs no Brasil.

[...] um fato de todo imprevisto veio soprar forte nas velas do meu barco: o protesto da Embaixada alemã junto ao Itamarati. Sim, por incrível que pareça, o Embaixador alemão saiu-se de seus cuidados para reclamar do nosso Governo a imediata apreensão do meu romance, por ofensiva aos brios do III Reich. Até que ponto essa reclamação lhe terá aumentado a saída é coisa que ignoro. O que sei é que esse episódio, entre os fatos e circunstâncias relacionados com *Um Rio Imita o Reno*, é positivamente muito do meu agrado. Digo mais: nem o prêmio Graça Aranha, nem a cobertura da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, nem mesmo, mais tarde, a confiança do meu amigo Marechal Cordeiro de Farias, atribuindo a *Um Rio Imita o Reno* o poder de convencê-lo a promover com Coelho de Souza a nacionalização do ensino no Sul do Brasil, produziram em mim maior satisfação (MOOG, 1966, p. XIV).

Na perspectiva relatada por Vianna Moog, foi seu romance que incentivou as ações nacionalizadoras promovidas pelas autoridades estaduais. É importante aqui talvez relativizar esta afirmação. Não podemos desconsiderar os efeitos causados por esta publicação. Tanto que a obra teve realmente repercussão bastante forte no Brasil e mesmo internacionalmente. Porém a afirmação de que ela foi o fator decisivo para as ações de nacionalização, sobretudo, do ensino, merecem ser ponderadas. Cremos que este recurso elogioso tenha sido utilizado pelo autor para enaltecer sua obra. Quando da escrita do livro, o governo estadual já havia emitido, em 7 de abril de 1938, o Decreto nº. 7.212, que regulamentava a nacionalização das escolas estrangeiras. A obra de Vianna Moog, dentro do ambiente social e político vigente, com certeza fomentou inclusive desconfianças para com imigrantes e descendentes, sobretudo alemães, assim como fora usada a favor da nacionalização. Mas cremos que ela não foi a grande propulsora das ações iniciadas em abril de 1938, mas um forte instrumento agregado a estas.

Entre 1938 e 1942, no Rio Grande do Sul, alguns livros abordando a temática do *perigo* advindo das áreas da colonização imigrante, sobretudo alemã, são publicados. Há outras obras apontando para o *perigo* existente em outros grupos étnicos, como os japoneses, por exemplo. É o período em que surgem obras que tomamos a liberdade de classificar como *literatura de denúncia*. Além de *Um rio imita o Reno*, romance lançado em 1938 pela Livraria e Editora do Globo, temos, em 1941, a publicação do livro *Denúncia: o nazismo no Sul do Brasil*, de Coelho de Souza, lançado pela Editora Thurmman. Em 1942, novamente pela Editora e Livraria do Globo, temos duas publicações lançadas: *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração Nazi no Rio Grande do Sul*, do tenente-coronel Aurélio da Silva Py e *A ofensiva japonesa no Brasil: aspecto social, econômico e político da colonização nipônica*, de Carlos de Souza Moraes. Os dois primeiros autores, conforme relatado anteriormente, foram o secretário estadual de Educação e o chefe de Polícia do estado, respectivamente. O terceiro, Carlos de Souza Moraes, era secretário da Prefeitura de São Leopoldo e diretor da Instrução Pública no município. Mas queremos chamar a atenção para um aspecto: das obras citadas, incluindo *Um rio imita o Reno*, três foram publicadas pela Livraria e Editora do Globo. Três obras que acentuam aspectos considerados perigosos da presença de imigrantes e de núcleos de origem imigrante não nacionalizados. Duas obras, de Vianna Moog e Coelho de Souza tratam principalmente de alemães e o livro de Carlos de Souza Moraes aborda a imigração japonesa, mas também relata a questão dos imigrantes e descendentes de alemães. Embora não seja aqui nosso foco principal, mas o papel da Livraria e Editora do Globo na publicação de obras relacionadas com discursos nacionalizadores e contra imigrantes merece ser melhor analisado. Eis um campo interessante de estudo para aqueles que se dedicam a questão da imigração e da política das décadas de 1930 e 1940, assim como para aqueles que se dedicam

aos estudos da literatura rio-grandense e brasileira desse período.

Prosseguindo com nossas considerações, iremos traçar uma análise do local onde a história escrita por Vianna Moog se desenvolve, a cidade de Blumental. No romance, Blumental é descrita como uma cidade industrial, que inicialmente fora uma feitoria, mas que se tornara bastante desenvolvida ao longo dos anos. Por conta desse progresso industrial, Blumental é conhecida como a *Manchester do Brasil*. Em determinado momento, um dos personagens, Karl Wolff, reflete sobre a mudança que ocorrera em Blumental em um século:

Karl estava neste momento pensando em que essa riqueza do Sul era produto exclusivo do trabalho alemão. Com os colonos alemães é que tinham aparecido as indústrias do Brasil. E considerava com orgulho a ascensão de Blumental, de mera feitoria há cem anos, até o parque industrial que lhe valia o nome de Manchester do Brasil (MOOG, 1966, p. 66).

Na maioria das análises já feitas sobre *Um rio imita o Reno*, a cidade fictícia de Blumental é identificada como uma referência a São Leopoldo. Esta constatação está em parte correta. Alguns elementos presentes na construção literária de Blumental são encontrados historicamente em São Leopoldo, como a citação da existência de uma feitoria⁶, que daria lugar a colônia alemã e ao

⁶ A Colônia Alemã de São Leopoldo foi fundada em 25 de julho de 1824, quando ocorrera a chegada das primeiras famílias de imigrantes vindo das regiões que hoje constituem a Alemanha, como Mecklenburg-Schwerin, Hamburgo, Holstein, Renânia-Palatinado. Em 1846, após a guerra civil Farroupilha, a Colônia de São Leopoldo foi elevada à categoria de Vila e em 1864, em Município autônomo, se desvinculando de Porto Alegre. Da antiga Colônia de São Leopoldo se originam municípios como São Leopoldo, Novo Hamburgo, Esteio, Sapucaia do Sul, Campo Bom, Sapiranga, entre outros. No local onde foram instaladas as primeiras famílias de imigrantes alemães existia, até início de 1824, a Real Feitoria do Linho Cânhamo, que foi estabelecida próximo ao rio dos Sinos, em 1788. Nesta fazenda o trabalho utilizado era escravo, sendo aí produzido o linho e o cânhamo utilizados na produção de cordas para os navios portugueses. Com o encerramento das

futuro município, posteriormente. Além disso, existe a questão da construção da hidráulica, obra para a qual o personagem principal do romance, o jovem engenheiro Geraldo Torres é contratado. Em São Leopoldo também ocorrera a construção de uma hidráulica municipal, ainda na década de 1920. Mas chamamos aqui a atenção para um ponto interessante: a cidade de Blumental é chamada no romance de *Manchester do Brasil*. Mas, historicamente, esta denominação não é conferida a São Leopoldo, mas sim a Novo Hamburgo, o antigo distrito, emancipado em 1927. O historiador René Gertz, ao analisar as discussões entre lideranças de São Leopoldo e Novo Hamburgo através dos jornais *Deutsche Post* (leopoldense) e *O 5 de Abril* (hamburguense), traz subsídios que evidenciam este fato:

a discussão com a Deutsche Post, também continuou. Em 9 de julho, esta publicara um comentário sobre o abastecimento de energia elétrica em Novo Hamburgo: desde o início do mês a Companhia de Energia Elétrica Hamburguesa assumiu o fornecimento de luz e energia [em Novo Hamburgo]. Mas, ó pena! Já no dia 7 faltou energia. [...] A famosa 'Manchester do Brasil' encontrava-se, portanto, sem energia (GERTZ, 202, p. 234).

Deste modo, podemos deduzir que Vianna Moog utiliza-se de elementos presentes nas duas cidades de origem imigrante da qual teve maior contato, São Leopoldo e Novo Hamburgo, para criar o ambiente físico, social e político de Blumental. Outro ponto que mostra a presença de elementos vinculados a Novo Hamburgo é menos evidente, mas é de grande importância. No período em que o livro é escrito, Novo Hamburgo é visto pelas autoridades estaduais como uma cidade ainda *muito germânica*. Em *Um rio imita o Reno*, já nos primeiras páginas, Vianna Moog

atividades da Real Feitoria, os escravos foram levados para outras regiões da província, como Canguçu e Pelotas, ao sul desta.

apresenta Blumental como uma cidade que parece não pertencer ao Brasil, mas de ser uma localidade alemã. Ao expor uma das impressões que Geraldo Torres nutria pela cidade, Vianna Moog ressalta que “Blumental dava-lhe a impressão de uma cidade do Reno extraviada em terra americana. Desde o gótico da igreja, até a dura austeridade das fachadas, tudo nela, à exceção do jardim era grave, rígido, tedesco⁷” (MOOG, 1966, p. 15). Na mesma passagem, essa contrariedade de Blumental em relação ao Brasil fica mais clara, quando afirma que Geraldo Torres “sentia saudades do Brasil”. Mas qual a relação dessa característica alemã com Novo Hamburgo?

Em Novo Hamburgo, ao longo da década de 1930, se desenvolveram dois grupos políticos, que após a decretação do Estado Novo, além de serem proibidos, seus partidários diretos ou indiretos foram perseguidos: um grupo de simpatizantes e filiados ao Partido Nazista, e outro grupo filiado a Ação Integralista Brasileira. Estes e outros fatores fizeram com que, em dezembro de 1937, fosse nomeado para administrar a cidade alguém de confiança das autoridades não apenas estaduais, mas também federais. Por conta disso, fora nomeado como prefeito Odon Cavalcanti Carneiro Monteiro, amigo pessoal de Getúlio Vargas a mais de 30 anos. Odon Cavalcanti além de ter como objetivo restaurar as finanças do município, também recebera a determinação de conferir uma característica mais brasileira ao município, sobretudo através de ações de nacionalização do ensino. Essas características corroboram para nossa percepção de que Novo Hamburgo também foi bastante forte na concepção que Vianna Moog pensou para sua Blumental.

Após esta contextualização e apreciação histórica sobre o local onde a história se desenvolve, vamos analisar os personagens que dão vida ao romance e, principalmente, o ponto

que compreendermos ser o mais significativo do livro: a construção de uma visão de imigrantes alemães e descendentes que não querem se integrar ao Brasil.

O romance conta a história do amor não possível entre o engenheiro amazonense Geraldo Torres e Lore Wolff, filha de uma tradicional família de origem alemã, do ramo dos curtumes e fábrica de sandálias, residente na cidade de Blumental. Geraldo chega ao município para a construção da hidráulica municipal, justamente no período do verão, estação onde os problemas decorrentes da falta de água potável se propagam, sobretudo o tifo. Outros personagens que tem destaque na obra são: Armando Seixas, fiscal de impostos; Karl e Martha Wolff, irmão e mãe de Lore; o velho Cordeiro, que tem uma postura de antipatia e contrariedade aos alemães e descendentes; o Dr. Stahl, médico e o major, que aqui é apenas identificado por esta denominação, prefeito da cidade.

Por uma questão de escolha, iremos deter nosso enfoque para alguns personagens que não os protagonistas deste romance, Geraldo Torres e Lore Wolff. Mas queremos dar atenção especial para os personagens Karl e Martha Wolff, Armando Seixas, Cordeiro e o major, que governa Blumental. Iniciemos com Armando Seixas.

Armando Seixas é fiscal de impostos, responsável por fiscalizar as casas de comércio e as indústrias de Blumental. Também era responsável por fiscalizar questões envolvendo contrabando, embora o próprio, muitas vezes, usasse desta prática. Em pouco tempo torna-se o melhor amigo de Geraldo Torres em Blumental. Aqui é oportuna uma breve consideração sobre Geraldo Torres: este personagem reflete, através de sua fala e das reflexões e lembranças que tem da região amazônica, a experiência e a percepção que Vianna Moog tem daquela região, na qual viveu enquanto de sua punição por ter apoiado os revoltosos paulistas em 1932.

⁷ *Tedesco* é como os alemães são chamados no idioma italiano.

O personagem de Armando Seixas é uma inserção da obra da figura do próprio autor, Vianna Moog. Através deste personagem, o autor adentra no livro, expondo inclusive suas impressões e opiniões sobre o que acontece em Blumental. Essa identificação entre Armando Seixas e Vianna Moog é perceptível na própria caracterização que o autor faz de seu personagem:

[...] depois que conseguir boa classificação num concurso que lhe trouxe a nomeação de fiscal de consumo, interrompera o seu terceiro ano de direito e vivia agora malbaratando o tempo em tentativas de artigos, novelas e ensaios que acabavam sempre na vala comum do cesto de papéis (MOOG, 1966, p. 17).

Neste caso, as semelhanças entre Armando Seixas e Vianna Moog, com exceção do abandono a Faculdade de Direito, não são apenas coincidências. Mas a característica de Armando Seixas que queremos destacar, que está mais próxima com nosso ponto central de análise, é a opinião que o mesmo tem sobre os alemães de Blumental. O fiscal de consumo sempre viu com desconfiança a forma como a população de Blumental enaltece a origem alemã (ou germânica), buscando se aproximar mais das coisas da Alemanha do que das coisas do Brasil. Armando Seixas, em determinado momento, demonstra sua afinidade com a ideia de se nacionalizar os núcleos imigrantes. E essa afinidade se torna mais evidente quando, em um evento em Blumental, um morador local, o velho Cordeiro, toma a palavra e faz um discurso inflamado de apoio a nacionalização. E assim partimos para compreender melhor este personagem e em quem ele é, segundo nossa avaliação, inspirado.

O personagem Cordeiro é descrito como um homem que, embora não fosse dado a grandes manifestações públicas, não escondia sua desconfiança e até mesmo raiva para com os alemães e descendentes em Blumental.

Aventuramos a hipótese que o personagem Cordeiro tenha inspiração no interventor federal do Rio Grande do Sul no período, o coronel Osvaldo Cordeiro de Farias. Embora as características físicas e de personalidade não sejam tão próximas, mas a postura nacionalista entre os dois é muito próxima. Para melhor ilustrar nossa interpretação, analisemos uma fala de Cordeiro de Farias, publicada do jornal *Correio do Povo* em 1938, quando da publicação do decreto referente à nacionalização do ensino:

atende o decreto, que vem a ser hoje assignado, a dois aspectos grandemente significativos: um, de importância geral, educativo, ferindo de fundo o problema de nacionalização do ensino, num sentido forte e firme de brasilidade. O outro, mais nosso, que concilia os interesses e o grande trabalho educacional já existente na região colonial do Rio Grande do Sul, que é a falta de professores e, mesmo, de organização do ensino no Estado, permitindo o seu desenvolvimento, sem uma orientação uniforme. Não tem, portanto, o decreto, uma finalidade destruidora da obra já existente, nos núcleos de origem imigratoria, mas sim o de ser aproveitado o eficiente trabalho já feito num sentido legítimo de brasilidade (*Correio do Povo*, Porto Alegre, Ano XLIV, 08/04/1938, n° 82, p. 14)⁸.

Agora atentemos para a fala do personagem Cordeiro:

saibamos dizer aos descendentes da raça germânica – continua o velho Cordeiro – que fazem das lendas do Reno o motivo exclusivo dos seus devaneios; aos de origem italiana, polonesa ou lusa, que só estremeçam de civismo com as epopéias dos seus antepassados, saibamos dizer aos representantes de todas as correntes humanas a quem o Brasil tem dado agasalho, que é preciso de uma vez por todas, varrer essa errônea concepção de pátria, para se firmar

⁸ Por conveniência, mantivemos a grafia original da publicação.

para sempre no Brasil a unidade nacional, pela identidade de tradições, pela unidade de língua, de cultura e de educação, coisas todas do mundo moral, asseguradoras da paz dentro da nação (MOOG, 1966, p. 135).

Embora o discurso atribuído ao personagem do romance de Vianna Moog possa ter uma tonalidade mais agressiva, vemos pontos em comum entre o que o velho Cordeiro prega como fórmula agregadora e de instauração de uma unidade nacional brasileira, com os caminhos indicados por Cordeiro de Farias, através da nacionalização do ensino. Desta forma, a possibilidade de que o personagem tenha sido inspirado no governante estadual da época nos parece plausível.

O terceiro personagem que elegemos para apreciação é o major, prefeito de Blumental. Sobre este, identificado apenas pela patente militar que possui e pelo cargo que ocupa, também temos considerações que podem indicar em qual agente histórico do período é inspirado. Entre 1928 e 1944, São Leopoldo é governada por Theodomiro Porto da Fonseca, que no período em que o romance é escrito e publicado, tinha a patente de major. Mas além desta indicação, outro ponto é mais significativo: a mudança de postura por parte do prefeito, que ora apóia o governador, ora apóia o presidente da República. E assim como ocorrera com o governante de Blumental, também ocorrera com o prefeito leopoldense. Como vimos, Vianna Moog usa de uma série de elementos, tanto de vivência pessoal como de observação social e política, para embasar sua obra. No caso da figura do major, ou melhor, de Theodomiro Porto da Fonseca, essa oscilação política entre o governador Flores da Cunha e o presidente Getúlio Vargas, não explicitamente citados no romance, se comprova inclusive documentalmente. No acervo pessoal de Theodomiro Porto da Fonseca, doado ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, localizado na cidade de São Leopoldo, encontramos telegramas entre o prefeito leopoldense e Flores

da Cunha, datados de 1936, no qual o prefeito declara seu apoio ao governador. Mas na mesma coleção encontramos uma publicação, datada de março de 1937, na qual Theodomiro Porto da Fonseca declara sua dissidência, rompendo com Flores da Cunha e declarando apoio incontestado ao presidente Getúlio Vargas. Hoje temos estes documentos que nos ajudam a comprovar este fato. E naquele período, Vianna Moog era testemunha dos acontecimentos. Desse modo, também acreditamos que a nossa observação acerca do inspirador do personagem do major que governa Blumental é digna de considerações.

Chegamos ao ponto que consideramos nevrálgico da obra de Vianna Moog, que é caracterizado por dois personagens por nós escolhidos para apreciação: Karl e Martha Wolff. Estes dois personagens sintetizam o imigrante alemão e descendente que não estão inseridos na sociedade brasileira. Ambos têm uma personalidade forte, até mesmo fria e bastante autoritária. Mas do que uma não inserção há um não pertencimento voluntário ao Brasil. O que é brasileiro, não é de interesse.

É oportuna uma observação: nosso objetivo aqui é apontar para uma construção literária e discursiva, inclusive de caráter político, inserida dentro de um contexto sociopolítico e cultural marcado pela polarização, tensão e conflitos. No Rio Grande do Sul do final da década de 1930 e em boa parte da década de 1940, havia a forte dicotomia entre ser brasileiro e ser estrangeiro. Não apenas por questão de nascimento, mas também de escolhas, de afinidades, de pertencimento. Diante desse quadro, muitos tomaram partido e defenderam as ideias, tanto as advindas das autoridades, a favor da nacionalização, quanto dos grupos de origem imigrante. E dentro do que analisamos, Vianna Moog estava alinhado com as autoridades estaduais e federais, sendo sua obra um instrumento favorável ao nacionalismo brasileiro,

apontando perigos que eram vislumbrados naquele momento histórico.

Em *Um rio imita o Reno*, a questão do não pertencimento voluntário de imigrantes alemães e descendentes a sociedade brasileira fica mais nítida entre as páginas 64 e 70 do livro. Vejamos alguns trechos:

depois, em que é que podia interessar-lhe aquela conversa sobre política nacional, a ele que vivia de olhos voltados para os problemas europeus? Se falassem de coisas do velho Mundo, ainda podia dar sua opinião. A Inglaterra e a França estavam perdidas: faziam o jogo dos judeus. Os Estados Unidos, uma vergonha. Queriam a guerra para dar trabalho aos seus milhões de desocupados, movendo uma campanha desleal e miserável contra os produtos alemães. Felizmente na Alemanha velava um homem forte, batalhando em várias frentes e tendo atrás de si uma nação invencível. Um homem extraordinário que de simples pintor de paredes, de simples soldado da Grande Guerra se transformara, pelo próprio gênio, no maior dos alemães. No princípio não simpatizara muito com Hitler. [...] Salvava a Europa do comunismo, abaixava a proa da Inglaterra e livrava a Alemanha dos judeus, esses traidores. Além disso, reduzia o tratado de Versalhes, essa vergonha, a um farrapo de papel (MOOG, 1966, p. 64).

Nesta passagem, Karl Wolff, irmão de Lore, personagem principal do romance, está junto com o major, Geraldo Torres, Amando Seixas e outros, em um quiosque, onde, entre os assuntos conversados, está o ambiente político do Brasil. Este trecho evidencia que Karl Wolff não nutre nenhum interesse pelos acontecimentos brasileiros, que para ele em pouca significância. O autor ressalta que Karl se interessa pelos assuntos relacionados com a Alemanha, sobretudo após Hitler assumir o poder. A visão que Karl Wolff tem de Hitler é de um homem de grande força na

condução da Alemanha. Além disso, livrara o país de um *perigo*, que eram os judeus.

Neste trecho do livro, algumas ideias estão presentes, além do não interesse pelas coisas brasileiras: o enaltecimento do nazismo e a retaliação aos judeus. Vianna Moog, no segundo aspecto, se baseia em informações provenientes da Europa, onde existe efetivamente uma campanha antissemita muito forte na Alemanha. Já o primeiro aspecto, sobre o nazismo, o autor se baseia no fato de existirem núcleos do Partido Nazista em Novo Hamburgo e em outros lugares do Rio Grande do Sul, assim como o fato de muitos imigrantes alemães e descendentes virem com bons olhos o crescimento da Alemanha, que vinha em ascensão desde os primeiros anos da década de 1930. Todavia, cabe esclarecer que a maioria dos imigrantes e descendentes de alemães residentes no Rio Grande do Sul não eram filiados ao partido e que, muitas vezes, não tinham informações mais aprofundadas sobre o que acontecia na Europa.

Sobre o aspecto do pertencimento dos imigrantes a sociedade brasileira, o trecho que aborda o pensamento de Karl Wolff, somado com outros pontos do romance, aponta para a existência desta determinação. Evidentemente que ela existia entre alguns imigrantes e descendentes, mas isto não significa que seja um elemento predominante entre este grupo étnico. Neste aspecto, a narrativa empregada por Vianna Moogem seu livro estabelece uma generalização, que pode ter um sentido intencional: colaborar para o estabelecimento de uma imagem sobre os grupos imigrantes, para um apoio maior da sociedade brasileira para com a campanha de nacionalização que se efetivava.

Quanto a Marta Wolff, ou Frau Marta, como também é mencionada no livro, está neste personagem a maior carga de preconceito para com os brasileiros. Também sintetizava a figura do imigrante alemão ou descendente defensor das

ideias nazistas. O autor assim caracteriza estas duas marcas da personalidade de Marta Wolff:

Nas veias de Frau Marta não corria sangue nobre, mas ela tinha orgulho de sua raça. Orgulho de descender de alemães, de haver casado com um filho de alemão. Ela mesma se considerava alemã. A raça nada tinha a ver com o lugar de nascimento. Não, não havia de tolerar a ameaça de um intruso na família, u negro. Para Frau Marta quem não tivesse sangue ariano puro estava irremediavelmente condenado: era negro. [...] Protestante casar com católico, ainda tolerava. Mas uma alemã com um negro?... era demais. Uma afronta ao espírito da raça (MOOG, 1966, p. 88-89)

Essa passagem, onde o pensamento de Frau Marta fica exposto, surge outro aspecto da obra, que é a abordagem feita sobre os adeptos da Igreja Protestante. Em determinado ponto do livro, um dos personagens, chamado Hans Fischer, comenta que pretendia se casar na igreja protestante, mas que a cerimônia fosse realizada em português. Porém, o pastor se nega, dizendo que sua igreja era protestante, evangélica e de língua alemã. Por fim, Hans Fischer disse que “mandara os pastor às favas”, pois não era admissível que até a religião tivesse nacionalidade (MOOG, 1966, p. 122). A Igreja Protestante no Rio Grande do Sul, sobretudo o Sínodo Rio-grandense⁹, possuía fortes relações com a Igreja Evangélica Alemã. Até a década de 1930, os pastores que atendiam as comunidades eram alemães. O primeiro pastor de origem brasileiro foi Hermann Dohms, nascido em Sapiranga, mas que tivera sua formação na Alemanha. Por conta

⁹ Existem duas correntes luteranas (ou protestantes) no período, e que dariam origem a suas Igrejas hoje existentes: o Sínodo Rio-Grandense, com ligação mais direta com a Igreja Evangélico-Luterana Alemã, daria origem à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), a partir de 1949, com a fusão com sínodos de outros estados, oficializada em 1968; e o Sínodo de Missouri, originado de imigrantes alemães dos Estados Unidos, que chegariam ao Rio Grande do Sul em 1900, dando origem à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), independente do Sínodo de Missouri desde 1980.

desta ligação, e pelo fato de alguns pastores terem sido filiados ao Partido Nazista (e alguns terem feito prédicas em favor no nazismo), a Igreja Protestante era vista com muitas ressalvas pelas autoridades. Tanto que o número de prisões de pastores e lideranças vinculadas ao Sínodo Rio-grandense foi bastante forte, sobretudo entre 1941 e 1943. A questão religiosa, atrelada com a dinâmica e o ambiente político no estado, não é deixada de fora da obra de Vianna Moog.

Através destes dois personagens, além de questões vinculadas ao nazismo e ao preconceito étnico, motivos pelos quais a obra é mais comumente conhecida, além de serem seus pontos temáticos mais abordados, é construída uma percepção, mesmo que subjetiva, que esta não participação do imigrante ou descendente dentro da sociedade brasileira é uma escolha que parte dos próprios. E esse pensamento é compartilhado inclusive por autoridades estaduais. Manter elementos de sua origem de seu local e cultura de ascendência não são apenas relações estabelecidas por tradição, mas se tornam apropriações conscientes. Não querer fazer parte da sociedade brasileira ou não se sentir integrado nessa sociedade são vistas como fatores racionais. E que deveriam ser conhecidos e combatidos. E a nacionalização é o caminho mais profícuo para isso.

Considerações finais

Conforme aponta Valdeci Resende Borges,

no que se refere à instância da escrita ou da produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala, de onde fala e que linguagem usa. Já ao focar o texto em si, o que se fala e como se fala são questões indispensáveis. No trato da recepção, visa abordar a leitura de um determinado receptor/leitor ou de um grupo de receptores/leitores, tratando das expectativas de quem recebe o texto, de sua contemplação,

ou seu enfrentamento ou resistência a ele (BORGES, 2010, p. 95).

Ao longo deste artigo, procuramos lançar luzes sobre alguns aspectos da obra *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog, de certa forma seguindo estes passos apontados anteriormente. Principalmente analisando a trajetória do autor, o ambiente que retratou, as bases utilizadas para a escrita de sua obra. Elencamos e buscamos analisar pontos que achamos pertinentes.

Temos consciência que o que aqui apresentamos são ainda constatações parciais. Novas pesquisas e abordagens devem ser empreendidas. Outros olhares e novas perguntas devem ser estabelecidos. Mas acreditamos que aqui conseguimos, além de estabelecer relações históricas que serviram de alicerce para a escrita deste romance, apontar possibilidades, sobretudo para os historiadores, que tem na análise da literatura um campo amplo e que ainda merece ser melhor explorado. Sobretudo no tocante à imigração.

E sobre o final da história de *Um rio imita o Reno*?

Deixemos para que os leitores que ainda não tiveram contato com a obra descubram. Vianna Moog tem o mérito de estabelecer uma leitura fluente, agradável e compreensível. Isto também explica a razão deste romance ter sido um êxito editorial. Vianna Moog, em 1938, não sabia o desfecho que as ações de nacionalização

poderiam acarretar. Mas estava colaborando, através de sua obra, para que fossem exitosas, contribuindo para a *brasilianização* das áreas de imigração. Também não sabia se o panorama de guerra, que já se vislumbrava no horizonte, efetivamente se cumpriria. E a perspectiva se concretizou. Mas Vianna Moog, diante do quadro social, político, cultural e educacional que percebia, e no qual estava inserido, deixa questões para aquele futuro, de médio e longo prazo. Através do futuro de Paulinho, filho de Karl Wolff, que ocupava o pensamento de Geraldo Torres, o autor reflete sobre o que aquelas medidas podem ocasionar:

que fardo o sentimentalismo – refletia ele. Seria melhor ter uma alma de aço, como Frau Marta, como muitos daqueles alemães que ele conheceu em Blumental. Tornou a pensar em Paulinho. Qual seria o futuro do menino? Fariam dele um brasileiro ou um alemão?... Que destino estaria reservado à nova geração? Em que mundo haviam de crescer? Que lutas teriam de enfrentar? (MOOG, 1966, p. 121)

Aqui estabelecemos alguns olhares sobre esta obra. Vislumbramos algumas interpretações, suscitamos algumas hipóteses e possibilidades. Mas que esta e outras obras literárias recebam mais olhares dos historiadores. Que mais interpretações sejam dadas e novas possibilidades sejam levantadas. Isto só tem a enriquecer a atuação e as possibilidades do historiador e da própria análise histórica.

Referências Bibliográficas

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas considerações. *Revista de História – UFG*, ano 1, n. 3, junho 2010.

CHARTIER, Roger. Debate: Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 01, p. 197-216, 2000.

GERTZ, René E. *O Aviador e o Carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção História: 50).

_____. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

MOOG, Clodomir Vianna. *Um rio imita o Reno*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Em ligne], Débats, mis em ligne Le 28 janvier 2006.

Submissão: 01/10/2014

Aceite: 29/01/2015